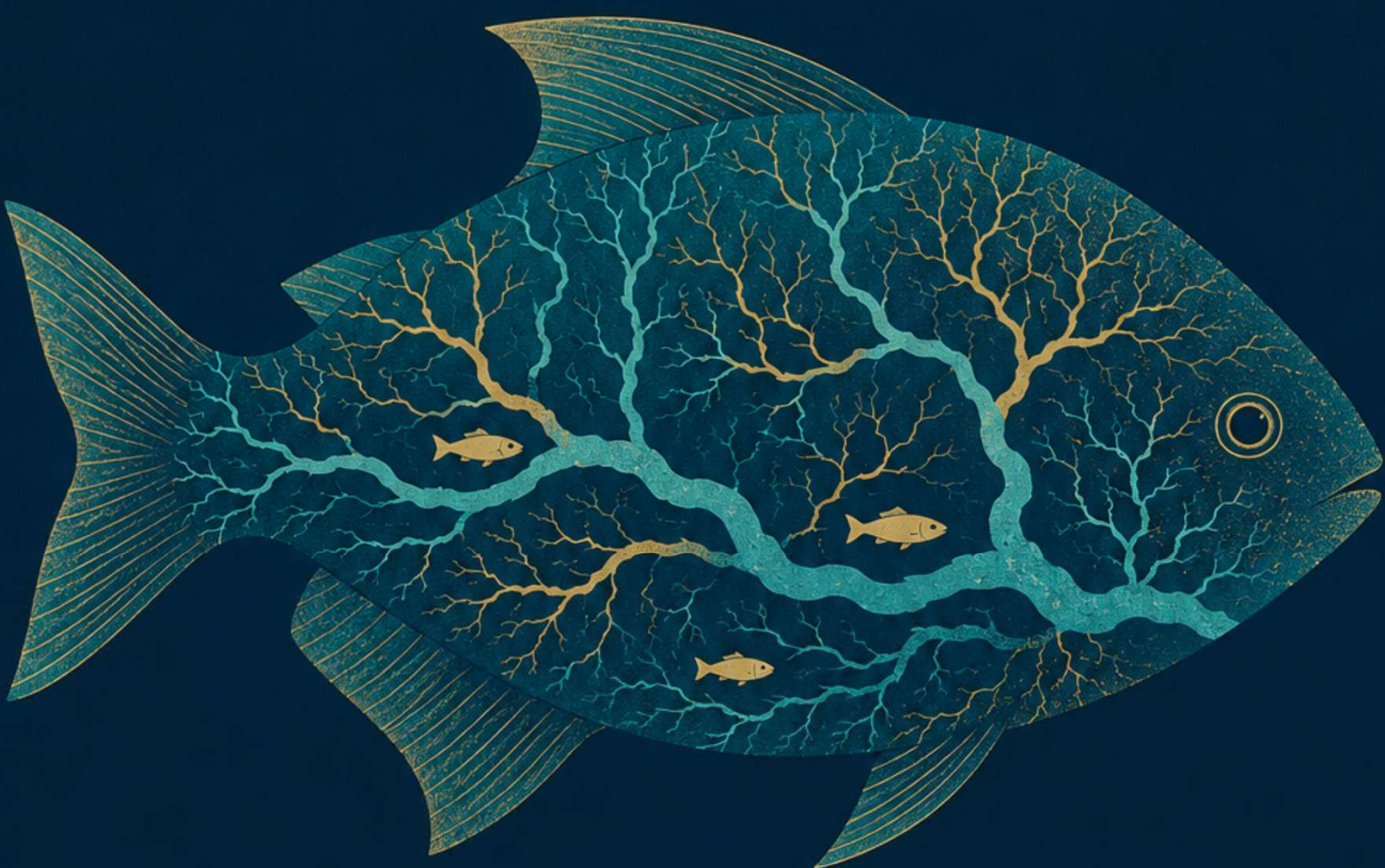


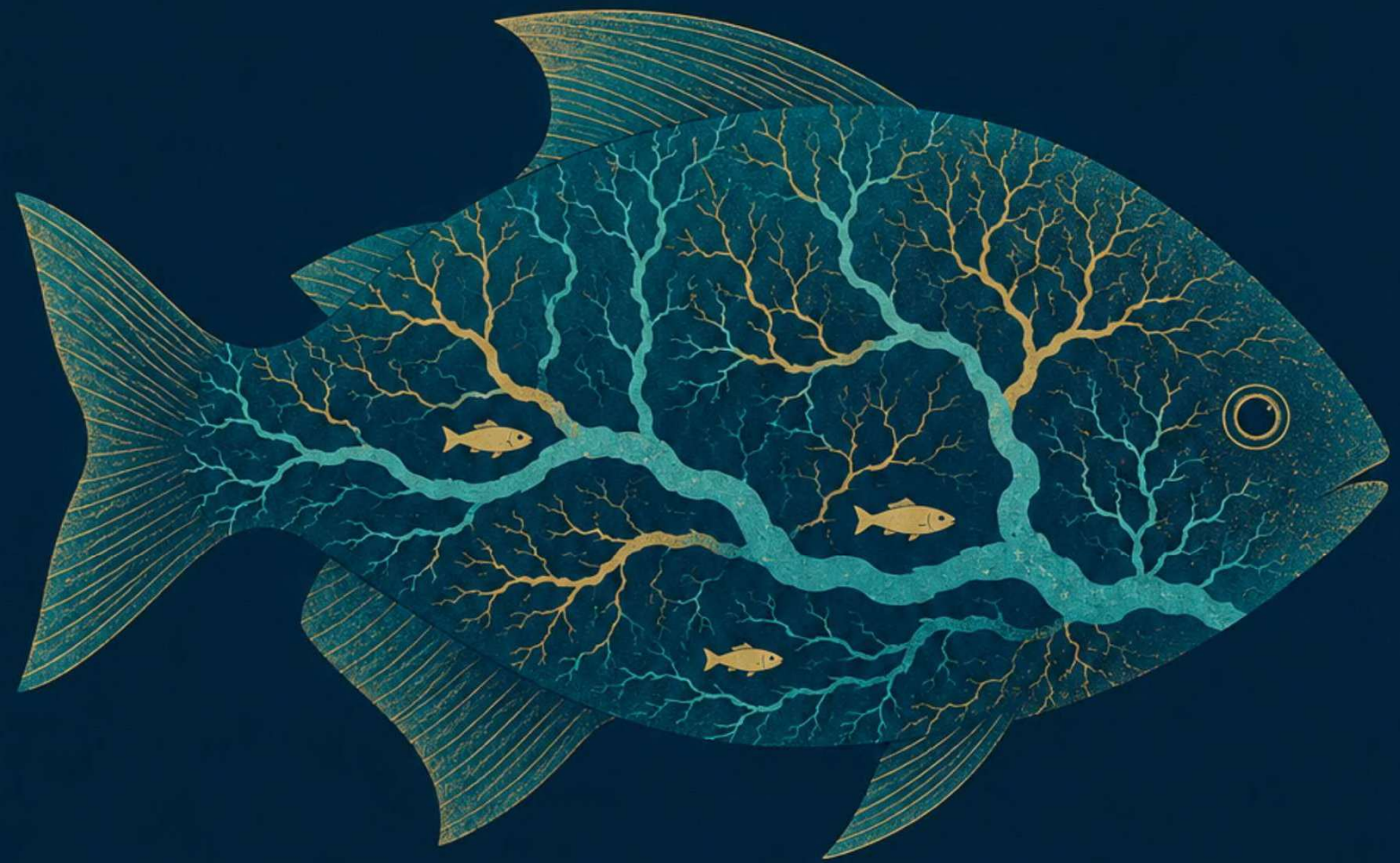
Pesquisas Ictiológicas da Bacia do Rio Parnaíba:

ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVA

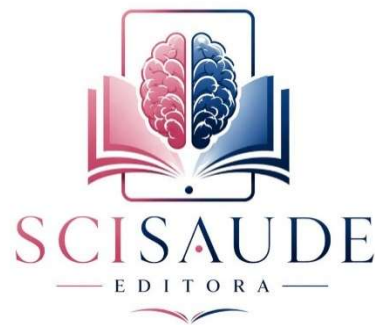


Pesquisas Ictiológicas da Bacia do Rio Parnaíba:

ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVA



SCISAUDE
— EDITORA —



O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do SCISAUDE. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.



LICENÇA CREATIVE COMMONS

A editora detém os direitos autorais pela edição e projeto gráfico. Os autores detêm os direitos autorais dos seus respectivos textos. PESQUISAS ICTIOLÓGICAS DA BACIA DO RIO PARNAÍBA ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVA de [SCISAUDE](#) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](#). (CC BY-NC-ND 4.0). Baseado no trabalho disponível em <https://www.scisaude.com.br/catalogo/pesquisas-ictiologicas-da-bacia-do-rio-parnaba/111>

2026 by SCISAUDE

Copyright © SCISAUDE

Copyright do texto © 2026 Os autores

Copyright da edição © 2026 SCISAUDE

Direitos para esta edição cedidos ao SCISAUDE pelos autores.

Open access publication by SCISAUDE

PESQUISAS ICTIOLÓGICAS DA BACIA DO RIO PARNAÍBA ESTADO DA ARTE E PERSPECTIVA

ORGANIZADORES

ROMILDO RIBEIRO SOARES
JEREMIAS PEREIRA DA SILVA FILHO
KELLY POLYANA PEREIRA SANTOS
ÍTHALO DA SILVA CASTRO
DIOGO BRUNNO E SILVA BARBOSA

Editor chefe

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Projeto gráfico

Lennara Pereira Mota

Diagramação:

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho
Lennara Pereira Mota

Revisão:

Os Autores



Conselho Editorial

Ana Flavia de Oliveira Ribeiro	Elane da Silva Barbosa	Juliane Maguetas Colombo Pazzanese
Ana Florise Morais Oliveira	Francine Castro Oliveira	Júlia Maria do Nascimento Silva
André de Lima Aires	Giovanna Carvalho Sousa Silva	Kaline Malu Gerônimo Silva dos Santos
Aline Halfeld Fernandes Vale	Arquimedes Cavalcante Cardoso	Wallace Rodrigues de Holanda Miranda
Angélica de Fatima Borges Fernandes	Heloísa Helena Figuerêdo Alves	Laíza Helena Viana
Camila Tuane de Medeiros	Jamile Xavier de Oliveira	Leandra Caline dos Santos
Camilla Thaís Duarte Brasileiro	Jean Carlos Leal Carvalho De Melo Filho	Lennara Pereira Mota
Carla Fernanda Couto Rodrigues	João Paulo Lima Moreira	Luana Bastos Araújo
Daniela de Castro Barbosa Leonello	Juliana Britto Martins de Oliveira	Maria Isabel Soares Barros
Dayane Dayse de Melo Costa	Juliana de Paula Nascimento	Maria Luiza de Moura Rodrigues
Maria Vitalina Alves de Sousa	Raissa Escandiusi Avramidis	Wesley Romário Dias Martins
Maryane Karolyne Buarque Vasconcelos	Renata Pereira da Silva	Wilianne da Silva Gomes
Paulo Sérgio da Paz Silva Filho	Sannya Paes Landim Brito Alves	Willame de Sousa Oliveira
Mayara Stefanie Sousa Oliveira	Suellen Aparecida Patricio Pereira	Naila Roberta Alves Rocha
Michelle Carvalho Almeida	Thamires da Silva Leal	Neusa Camilla Cavalcante Andrade Oliveira
Márcia Farsura de Oliveira		

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pesquisas ictiológicas da Bacia do Rio Parnaíba Estado da arte e perspectiva

[livro eletrônico] / organização Romildo Ribeiro

Soares...[et al.]. -- Teresina, PI : Editora Scisaude, 2026.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-85376-95-2

1. Animais (Zoologia) 2. Biodiversidade - Brasil 3. Biodiversidade - Conservação 4. Ecologia 5. Meio ambiente - Conservação e Proteção 6. Sustentabilidade ambiental I. Soares, Romildo Ribeiro.

26-398005.0

CDD-333.9516

Índices para catálogo sistemático:

1. Biodiversidade : Conservação : Recursos naturais 333.9516

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638



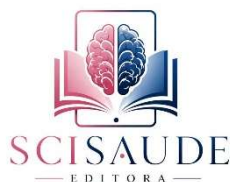
10.56161/sci.ed.20260916



978-65-85376-95-2



<https://isni.org/isni/0000000530754388>



SCISAUDE

Teresina – PI – Brasil

scienceesaude@hotmail.com

www.scisaude.com.br



SCISAUDE
— EDITORA —

APRESENTAÇÃO

As pesquisas Ictiológicas no Piauí, exercem um papel essencial tanto na biodiversidade quanto no equilíbrio ecológico dos ambientes aquáticos. Especialmente na bacia do rio Parnaíba e nas sub-bacias do rio Potí, Canindé, Longá e Gurguéia, contribuindo com uma quantidade extremamente representativa de espécies.

As pesquisas nessa região ajudam a identificar os exemplares, entender sua distribuição e ecologia, além de fornecer dados fundamentais para o manejo sustentáveis dos recursos pesqueiros. Esses estudos também tentam mesurar os impactos causados por ações antrópicas, como barragens, desmatamento, poluição, manejo do solo no uso de agrotóxicos e pesca predatória, que podem comprometer populações naturais.

Assim, essas pesquisas científicas, tornam-se uma ferramenta indispensável para subsidiar políticas de conservação, orientar programas de monitoramento ambiental e promover o uso consciente dos recursos aquáticos

Boa leitura!



Sumário

CAPÍTULO 1	9
COMUNIDADE DE PESCADORES DE TERESINA/PI DO BAIRRO POTY VELHO: CONHECIMENTO E UTILIDADES DA ICTIOLOGIA	9
10.56161/sci.ed.20260916C1	9
CAPÍTULO 2	38
CONVERSÃO ALIMENTAR DA TILÁPIA – <i>Oreochromis niloticus</i>, (LINNAEUS, 1766) EM TANQUE DE CONCRETO NO SISTEMA INTENSIVO EM TERESINA / PI, BRASIL	38
10.56161/sci.ed.20260916C2	38
CAPÍTULO 3	45
AVALIAÇÃO DA PROPORÇÃO SEXUAL E DINÂMICA REPRODUTIVA DO <i>Prochilodus lacustris</i> - STEINDACHNER, 1907 (CHARACIFORMES – PROCHILODONTIDAE) NO RIO POTI, TERESINA, PIAUÍ, BRASIL	45
10.56161/sci.ed.20260916C3	45
CAPÍTULO 4	53
LEVANTAMENTO E IDENTIFICAÇÃO DA ICTIOFAUNA DA BACIA DO RIO PARNAÍBA COMO PARTE DO ACERVO DO LABORATÓRIO DE ZOOLOGIA “ANTÔNIO JOÃO DUMBRA” DA UFPI- TERESINA – PIAUÍ.....	53
10.56161/sci.ed.20260916C4	53
CAPÍTULO 5	60
DIVERSIDADE ICTIOFAUNÍSTICA E CONSERVAÇÃO NA LAGOA DO CAJUEIRO (ESTADO DO PIAUÍ, NORDESTE DO BRASIL): UM LEVANTAMENTO PRELIMINAR.....	60
10.56161/sci.ed.20260916C5	60
CAPÍTULO 6	89
COMPOSIÇÃO DA ICTIOFAUNA DO CANAL DE CAPTAÇÃO DE ÁGUA NAS FAZENDAS DE CAMARÃO MARINHO DO ESTADO DO PIAUÍ – BRASIL.....	89
10.56161/sci.ed.20260916C6	89
CAPÍTULO 7	97
POTENCIALIDADE PESQUEIRA DA BACIA DO RIO PARNAÍBA	97
10.56161/sci.ed.20260916C7	97

CAPÍTULO 1

COMUNIDADE DE PESCADORES DE TERESINA/PI DO BAIRRO POTY VELHO: CONHECIMENTO E UTILIDADES DA ICTIOLOGIA

doi[®] 10.56161/sci.ed.20260916C1

MILENA PENHA CALAND
ROMILDO RIBEIRO SOARES
JEREMIAS PEREIRA DA SILVA FILHO
DIOGO BRUNNO E SILVA BARBOSA
KELLY POLYANA PEREIRA DOS SANTOS
HELANO NOBRE VILAR
ITHALO DA SILVA CASTRO

RESUMO

A Etnobiologia reúne os saberes de um povo que são acumulados ao longo do tempo, mediante a interação do homem com a natureza. Esta ciência tem muitos ramos, nesse trabalho destaca-se a Etnoictiologia, que integra a Etnozoologia. Os conhecimentos etnoictiológicos são os saberes que os pescadores têm sobre os peixes, que foram adquiridos por meio da atividade pesqueira e transmitidos por gerações. O presente estudo buscou registrar o conhecimento etnoictiológico, dos pescadores do rio Poti, no Bairro Poti Velho, o primeiro bairro do município de Teresina, que se destaca pela atividade pesqueira, turismo e artesanato. Para realização desse trabalho entrevistou-se 35 pescadores artesanais, com o auxílio de formulários semiestruturados contendo perguntas sobre a estrutura demográfica da comunidade, dados socioeconômicos, condições de moradia, saneamento básico, e sobre atividade pesqueira. Para a análise e interpretação dos dados empregou-se estatística descritiva onde os dados foram expressos em gráficos e porcentagens. Conclui-se que a pesca ainda é uma atividade rentável e subsidia a sobrevivência de muitas famílias e atualmente é exercida em maior parte por homens adultos, que utilizam os conhecimentos tradicionais de pesca herdados pelos seus pais e avós. Os apetrechos de pesca mais utilizados e eficientes são o engancho e a tarrafa, que capturam maior quantidade de pescado. As espécies mais frequentes segundo as citações dos pescadores são: *Psectrogaster rhomboides* Eigenmann and Eigenmann, 1889 – Branquinha-do-oin (35) e *Curimata macrops* Eigenmann and Eigenmann, 1889 – Branquinha-do-oião (35), e *Prochilodus lacustris* Steindachner, 1906 - Curimatá (34). As espécies menos frequentes: *Pseudoplastystoma fasciatum* (Linnaeus, 1766) – Surubim (20), *Ageneiosus inermis* (Linnaeus, 1766) – Matrinchan (13), o *Schizodon dissimilis* (Garman, 1890) – Piau-de-vara (12)



e o *Branchyplatystoma filamentosum* (Lichtenstein, 1819) – Piratinga (12). Por fim, verificou-se que os pescadores se preocupam, com o meio ambiente e reconhecem a importância da sua preservação, para a manter a atividade pesqueira. A pesca proporciona a independência financeira, o sustento e alimento das famílias, para muitos é uma atividade de orgulho e tradição que foi herdada das gerações passadas.

Palavras-Chave: Etnobiologia. Etnoictiologia. Atividade Pesqueira. Tradição.

ABSTRACT

Ethnobiology brings together the knowledge of a people that is accumulated over time, through the interaction of man with nature. This science has many branches, in this work Ethnoichthyology stands out, which integrates Ethnozoology. Ethnoichthyological knowledge is the knowledge that fishermen have about fish, which were acquired through fishing activities and transmitted through generations. The present study sought to record the ethnoichthyological knowledge of the fishermen of the Poti River, in the Poti Velho neighborhood, the first neighborhood in the municipality of Teresina, which stands out for its fishing, tourism and handicraft activities. To carry out this work, 35 artisanal fishermen were interviewed, using semi-structured forms containing questions about the demographic structure of the community, socioeconomic data, housing conditions, basic sanitation, and fishing activity. For the analysis and interpretation of the data, descriptive statistics were used, where the data were expressed in graphs and percentages. It is concluded that fishing is still a profitable activity and subsidizes the survival of many families and is currently carried out mostly by adult men, who use the traditional fishing knowledge inherited by their parents and grandparents. The most used and efficient fishing tackle are the hook and the net, which capture the largest amount of fish. The most frequent species according to fishermen's citations are: *Psectrogaster rhomboides* Eigenmann and Eigenmann, 1889 – Branquinha-do-oin (35) and *Curimata macrops* Eigenmann and Eigenmann, 1889 – Branquinha-do-oião (35), and *Prochilodus lacustris* Steindachner, 1906 – Curimatá (34). Less frequent species: *Pseudoplatystoma fasciatum* (Linnaeus, 1766) – Surubim (20), *Ageneiosus inermis* (Linnaeus, 1766) – Matrinchan (13), *Schizodon dissimilis* (Garman, 1890) – Piau-de-vara (12) and the *Branchyplatystoma filamentosum* (Lichtenstein, 1819) – Piratinga (12). Finally, it was found that fishermen care about the environment and recognize the importance of its preservation, to maintain the fishing activity. Fishing provides financial independence, sustenance and food for families, for many it is an activity of pride and tradition that has been inherited from past generations.

Keywords: Ethnobiology. Ethnoichthyology. Fishing Activity. Tradition.

1. INTRODUÇÃO

A Etnobiologia, ciência que estuda a interação do homem, com a natureza e que enfoca o saber e as crenças das populações estudadas (POSEY, 1997), busca entender a visão de mundo nas diversas culturas humanas (BEGOSSI, 1993). Divide-se em vários ramos, Etnobotânica, Etnozoologia, Etnoentomologia, Etnomicologia, entre outras (MÉNDEZ; RAMÍREZ, 1999). A Etnozoologia estuda a relação dos homens com os animais, e está subdividida em vários ramos, dentre eles a Etnoictiologia, que estuda as relações do homem com os peixes (COSTA-NETO,



2001), cujos conhecimentos e usos se difundem em meio às sociedades humanas (MARQUES, 1995; FARIÑA et al. 2011). A pesca artesanal é uma das principais atividades, desenvolvidas por comunidades de pescadores, tradicionais e representa sua principal renda familiar (LIMA; VELASCO, 2012).

As comunidades tradicionais adquirem o conhecimento ao longo dos tempos, com um notório saber que exercem quanto à conservação de valores culturais, históricos, sociais e da biodiversidade, possuem uma característica própria de viver, uma cultura rica em conhecimentos, costumes e crenças, passados de geração a geração (GRZEBIELUKA, 2012).

O conhecimento tradicional dos pescadores contribui para a preservação e manutenção da fauna (FEITOSA, 2011), além de fornecer meios para a conservação dos recursos biológicos, visto que, essas comunidades podem preservar os animais que lhes são úteis (ALBUQUERQUE, 2005), bem como, para o crescimento da comunidade, criando um laço para o desenvolvimento e sustentabilidade econômica (BRANDÃO; SILVA, 2008). É através desse conhecimento que as comunidades dominam a arte da pesca, conhecendo os locais propícios para a captura do peixe, aprendem a navegar e identificam o pescado (NASCIMENTO, 2013). Segundo Carvalho (2002), este conhecimento está ameaçado pela perda da cultura, do ambiente natural ou a desistência de exercer as atividades tradicionais pelas comunidades.

Trabalhos etnoictiológicos são importantes para preservar o conhecimento adquirido pelos pescadores, que sejam passados de geração em geração (SANTOS; MELO; ROCHA, 2012; ANDREOLI et al., 2014), colaboram com informações para identificação e preservação da ictiofauna, baseado em práticas tradicionais de manejo dos recursos pesqueiros (MELO, 2012), contribuem para o conhecimento da diversidade regional (FERNANDES-PINTO, 2001).

No âmbito piauiense, estudos com comunidades pesqueiras foram realizados por : Amorim (2010); Sousa (2010); Amorim e Barros (2012); Sousa; Amorim; Barros (2012); Freitas et al. (2012); Meireles (2012), Santos (2013), Araújo (2013), Nascimento (2014); Santos, Soares e Barros (2015), Meireles et al. (2017a); Meireles et al. (2017b), Santos et al. (2017) e Nascimento (2019) . Diante disso, faz se importante realizar um levantamento acerca dos saberes acumulados pelos pescadores artesanais, bem como investigar a transmissão dos conhecimentos etnobiológicos da comunidade de pescadores para seus descendentes, afim de contribuir para a preservação e conservação dos peixes, e o desenvolvimento da comunidade.

O trabalho realizado, buscou responder os seguintes parâmetros: quais os conhecimentos que os pescadores de Teresina, do bairro Poti Velho, possuem sobre peixes?



Estes pescadores transmitem o conhecimento adquirido ao longo da atividade pesqueira, para as gerações seguintes? A partir disso, levanta-se a ideia de que: o conhecimento relacionado aos peixes em Teresina inclui tanto o uso diferenciado, como aspectos ecológicos diversos, que incluem estratégias como periodicidade, modo de coleta, instrumentos específicos e crenças associadas ao consumo de espécies potencialmente relevante para o desequilíbrio homeostático.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. ETNOBIOLOGIA

A Etnobiologia é uma etnociência (BEGOSSI, 1993) que estuda a inter-relação do conhecimento do homem com o meio ambiente (POSEY, 1987) e se relaciona com a ecologia humana ao enfatizar a adaptação do homem em determinados ambientes, abordando suas crenças e culturas (POSEY, 1987). Para Silvano (2004), esta ciência estuda o conhecimento das comunidades sobre o meio ambiente, em relação as suas atividades comerciais e de subsistência, sendo denominado conhecimento tradicional, nativo ou local.

A história da etnobiologia se divide em três períodos, conforme proposto por Clément (1998): pré-clássico, clássico e pós-clássico. O período pré-clássico foi caracterizado no final do século XIX, por estudos que tinham como objetivo, compreender os conhecimentos de diferentes povos e culturas, sobre plantas e animais. Foi nesse período que surgiram as primeiras disciplinas, consideradas a base da etnobiologia: etnobotânica e etnozoologia (SOBRAL; ALBUQUERQUE, 2014).

O período clássico teve início na primeira metade do século XX, e foi marcado pela busca do conhecimento indígena, como um meio para entender o modo como os seres dão sentido ao ambiente em que vivem. E o período pós-clássico ocorreu na década de 1990, representando um período muito importante para a etnobiologia, com destaque a contribuição do antropólogo Darrell Posey, que estudou sobre o conhecimento ecológico tradicional dos índios Kayapó (CLÉMENT, 1998).

De acordo com Begossi (1993), as pesquisas etnobiológicas incluem levantamentos de espécies e “etnoespécies”, o que contribui para planos de manejo e conservação dos ecossistemas. Estudos etnobiológicos relatam que as culturas tradicionais possuem uma forma de manipular os recursos naturais sem prejudicar o meio em que vivem, (POSEY 1982). Dentre estes estudos destacam-se o de Posey (1979) e Overal e Posey (1990) feitos com os índios Kayapó que protegem suas roças usando uma espécie de formiga para manter o controle das pragas.



A Etnobiologia pesquisa o conhecimento acumulado das populações, o que contribui para a preservação da cultura e a elaboração de políticas sociais (ADAMS, 2000).

2.1.1. ETNOICTIOLOGIA

Os primeiros trabalhos a utilizarem o termo etnoictiologia foram os de Morril (1967) com pescadores caribenhos e Anderson Júnior (1967) feitos com pescadores chineses. Destacam-se os trabalhos internacionais de Akimich (1978) que estudou os aspectos ecológicos dos conhecimentos sobre peixes pelo povo Lau e de Johannes (1978; 1981) que discorreu acerca da relação do conhecimento tradicional de pescadores da Oceania com o manejo e conservação dos recursos. Kido-Cruz (2008), analisou a qualidade de vida dos pescadores ribeirinhos do sul do pacífico mexicano, Glória (2010), estudou a sustentabilidade pesqueira em uma comunidade de pescadores artesanais do Chile.

Maranhão (1975) realizou o primeiro trabalho etnoictiológico no Brasil, feito com pescadores da comunidade do Icaraí, no litoral cearense. Forman (1967; 1970) também estudou as comunidades marítimas, analisando o conhecimento de pescadores de jangada na costa do Nordeste brasileiro. Mussolini (1980) discorreu acerca do conhecimento de pescadores paulistas sobre a ecologia e o comportamento migratório da tainha *Mugil platanus*, e Silva (1988), expôs o método utilizado pelos pescadores da praia de Piratininga (RJ) na classificação dos peixes.

O trabalho de Marques (1991), com os pescadores do Complexo Lagunar Mundaú-Manguaba, no estado de Alagoas, foi de grande relevância, abordou três temas: etnotaxonomia, distribuição espacial e temporal e ecologia trófica. Outros trabalhos de igual importância, foram desenvolvidos com comunidades pesqueiras no litoral sudeste do Brasil na Ilha de Búzios e Baía de Sepetiba, feitos por Begossi e Figueiredo (1995), Begossi (1996) e Paz e Begossi (1996). Hanazaki (1997) estudou as atividades pesqueiras e a dieta alimentar nas comunidades de Ubatuba (SP). Surgiram os trabalhos com pescadores de rios e represas como os de Ribeiro (1995), Silvano e Begossi (1998). Hanazaki e Begossi (2000) estudaram a pesca e a dimensão do nicho para consumo alimentar entre pescadores de Ponta da Almada (SP).

No Piauí, destacam-se os trabalhos etnobiológicos realizados por: Silva (1978), que estudou sobre o levantamento florístico e faunístico do litoral e o trabalho de Lima (1986) que fez o levantamento da fauna nos manguezais do Piauí. Lima (1998) estudou os impactos provocados pela sedimentação, sobre a diversidade da ictiofauna na baía do Macapá. Amorim (2010), estudou a etnobotânica de quintais e modos de pesca, também a construção de embarcações na comunidade de pescadores artesanais do bairro Poti Velho, visando conhecer



e registrar seus costumes e tradições. Santos (2013) investigou o conhecimento etnobotânico e etnozoológico dos pescadores artesanais da colônia Z-18 do município de União-PI e registrou a realidade socioeconômica desta. Nascimento (2014) analisou as potencialidades etnobotânicas e etnozoológicas em comunidades pesqueiras nos municípios litorâneos piauienses, Cajueiro da Praia e Parnaíba.

3. CONHECIMENTO TRADICIONAL DA PESCA

Para Brandão e Silva (2008) este saber contribui para a base da prática produtiva dos pescadores artesanais e dão informações necessárias para a sustentabilidade ecológica e econômica da comunidade.

No Brasil, a pesca artesanal é uma importante fonte de emprego e renda para muitas comunidades locais (SILVANO, 2004).

Segundo Meireles (2012), as comunidades de pescadores tradicionais estão crescendo nos estudos etnobiológicos, isso se deve a atual percepção dos pesquisadores e ao conhecimento que essas comunidades possuem sobre a natureza e suas relações com a mesma. O conhecimento do perfil socioeconômico dos pescadores nem sempre são explorados em pesquisas pesqueiras, sendo relevante para o desenvolvimento econômico da comunidade (SANTOS; SOARES; BARROS, 2015).

4. CONSERVAÇÃO BIOLÓGICA: ETNOICTIOLOGIA

Nos últimos anos, houve intensa a busca por medidas de sistema de manejo, que possa contribuir com a manutenção da biodiversidade e o controle da devastação do meio ambiente (ALBUQUERQUE, 2005). Para o autor, as formas de manejo sustentável dos ecossistemas, estão ligadas as populações tradicionais, que vivem em diversos ecossistemas e pode contribuir com a redução dos impactos ambientais, causados pela ação do homem, usando pesquisas metodológicas e suas interpretações.

Para Diegues (2000) a cultura tradicional das populações de pescadores, possui uma harmonia com a natureza, devendo ser protegida, estudada e valorizada, pois dessa forma pode-se manter um equilíbrio com o ecossistema, melhorando a qualidade de vida no ambiente em que vivem.

Vale ressaltar que, de posse dessas informações extremamente preciosas, pode-se contribuir de forma enfática, para a elaboração de programas de Educação Ambiental, que possam conscientizar o pescador para a manutenção dos estoques.



5. OBJETIVOS

5.1. GERAL

Registrar o conhecimento etnoictiológico, dos pescadores do rio Poti, no Bairro Poti Velho, município de Teresina, Piauí, Brasil.

5.2. ESPECÍFICOS

- Delinear o perfil socioeconômico dos pescadores do rio Poti, Bairro Poti Velho, município de Teresina, Piauí;
- Identificar a diversidade de peixes registradas pelos pescadores do rio Poti, Bairro Poti Velho, município de Teresina, Piauí;
- Levantar a existência de estratégias e instrumentos tradicionais de pesca;
- Verificar a transmissão do conhecimento sobre a pesca para as futuras gerações.

6. METODOLOGIA

6.1. ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado com os pescadores do rio Poti, no Bairro Poti Velho, município de Teresina, Piauí, no nordeste do Brasil.

Teresina se desenvolveu a partir do bairro Poti Velho, este surgiu na barra do Poti, espaço em volta do lugar onde o rio Poti despeja as suas águas no rio Parnaíba. No local viviam os índios Potis, com a chegada do bandeirante Domingos Jorge Velho muitos foram mortos, os que sobreviveram juntaram-se aos fazendeiros da região e formaram a Barra do Poti. Em 1832 foi elevada à categoria de vila, a vila do Poti. Em novembro de 1850, Saraiva visitou a Vila do Poti e ficou acertada sua mudança para a Chapada do Corisco, a seis quilômetros ao sul, o que ocorreu em 20 de outubro de 1851. Nascia, assim, a Vila Nova do Poti e a antiga ficou conhecida como Poti Velho. (DUTRA,2020). No bairro Poti Velho além da atividade pesqueira, destaca-se a prática do artesanato, devido a existência de uma grande concentração de argila na região.

O Polo Cerâmico de Teresina, e o Parque Ambiental Encontro das águas se transformaram em grandes cartões postais para o setor turístico da capital do Piauí. (DUTRA,2020).

Segundo o IBGE (2021), Teresina possui uma população estimada em 871.126 habitantes. Apresenta cerca de 584,94 hab/km² e é o município com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado do Piauí, de acordo com o censo do IBGE (2010) (figura 1).

Com um clima tropical semiúmido e altas temperaturas, Teresina tem duas estações características: o período das chuvas e o período seco. (TERESINA,2022)



Teresina é cortada por grandes rios o Parnaíba, segundo maior rio da região nordeste, que tem principal tributário o rio Poti, e a atividade pesqueira faz parte do comércio dessa região, (figura 2). O Rio Poti, nasce na Serra da Joanhina no estado do Ceará, sendo formado pela junção dos Riachos Santa Maria e Algodões, e deságua no rio Parnaíba (DAMASCENO, 2008). A disponibilidade hídrica superficial na microbacia do Rio Poti é de aproximadamente 3,8 bilhões de m³, com uma extensão total de 52.370 km² (DAMASCENO, 2010).

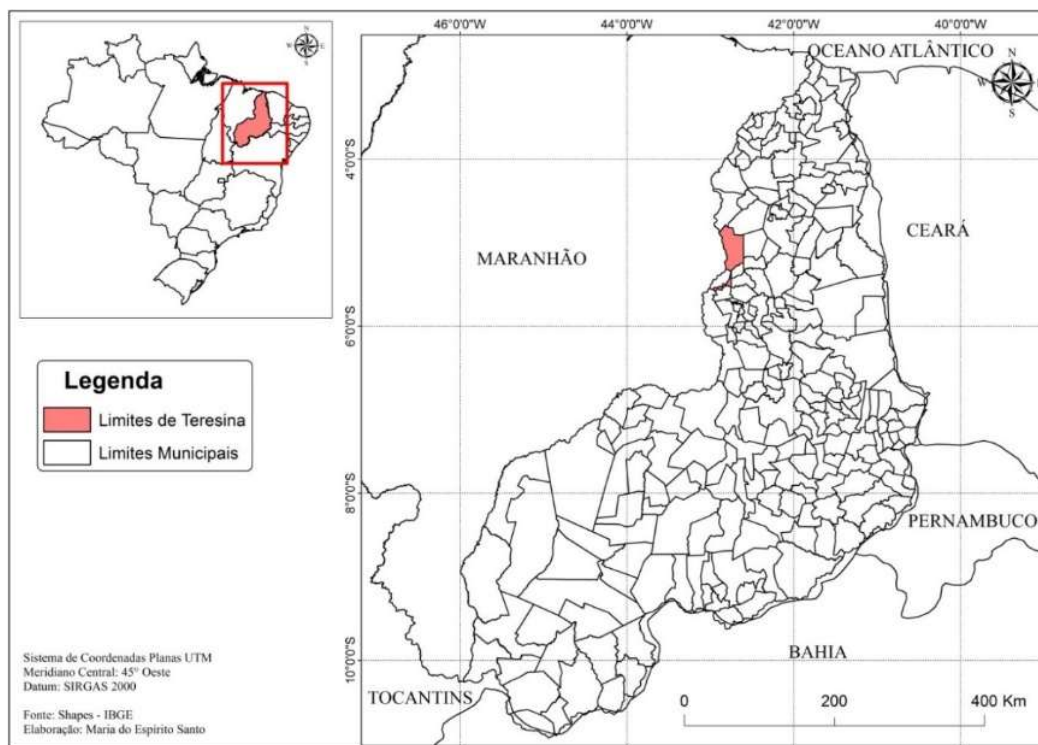


Figura 1: Localização do município de Teresina, Piauí. Observa-se os limites municipais do estado do Piauí, em destaque a capital Teresina.

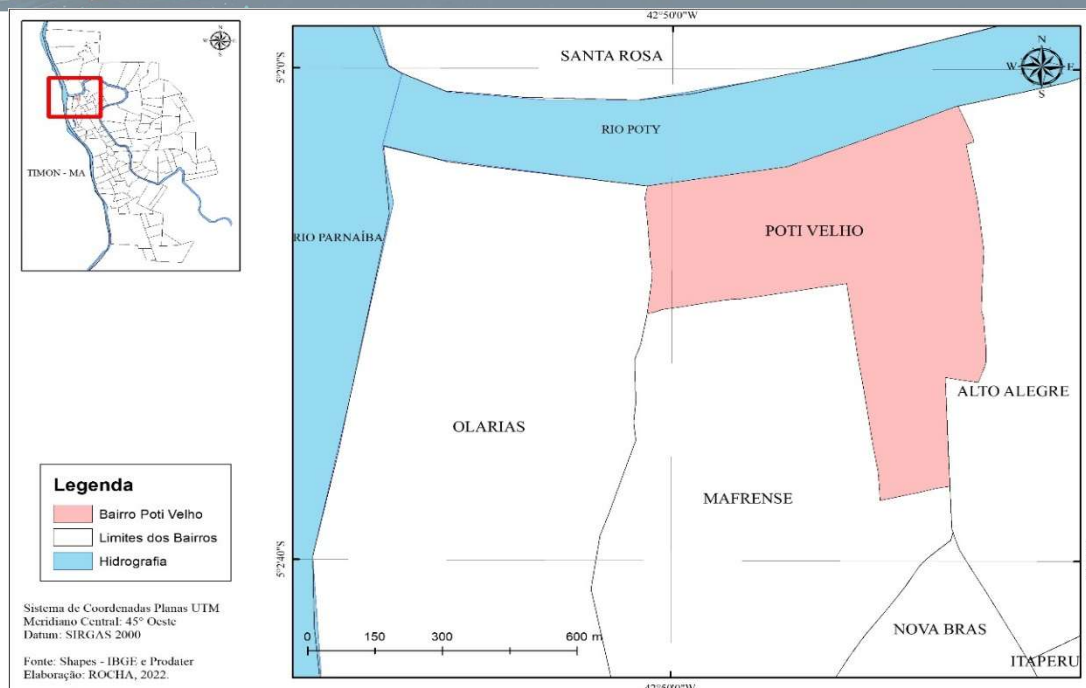


Figura 2: Mapa da zona norte da capital, em destaque o bairro Poti velho, nele é possível observar a localização dos rios Parnaíba e Poti.

6.2. METODOLOGIA

Foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Humana (CEP) da Universidade Federal do Piauí, o qual foi aprovado sob parecer de nº 4.035.632, CAAE: 29782120.4.0000.5214.

A coleta de dados, ocorreu mediante o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelos pescadores, onde consta os objetivos da pesquisa e assegura os direitos de privacidade.

O presente estudo deu-se nos meses de julho a setembro de 2022, foram entrevistados 35 pescadores artesanais, dentre eles associados e não associados a cooperativas, que praticam a atividade pesqueira diariamente, no local acima citado.

Utilizando o auxílio de formulários semiestruturados (APOLINÁRIO, 2006), as entrevistas ocorreram nos horários nos turnos manhã e tarde. As perguntas foram voltadas à obtenção de informações sobre a estrutura demográfica da comunidade, dados socioeconômicos, condições de moradia, saneamento básico, e sobre atividade pesqueira. As entrevistas, foram realizadas individualmente, de modo que as respostas fossem livres de interferências e permitissem a livre expressão de opinião. Em alguns casos, realizou-se os registros fotográficos com a devida autorização.

Cada entrevistado recebeu um código de identificação, a letra E seguida do número da entrevista, por exemplo: José – E1. Estes foram avaliados qualitativamente e quantitativamente.

Momentos da rotina desses pescadores também aparecem nesses registros, como o processo de limpeza dos peixes o “trato”, a venda dos peixes no mercado, manutenção dos apetrechos de pesca, pontos de ancoragem das canoas e imagens do ambiente local com a presença da vegetação consoante com a poluição do rio.

6.3. Análise dos dados

As informações obtidas foram tabuladas e calculadas no software Microsoft Excel 2016. Para a análise e interpretação dos dados, empregou-se estatística descritiva, onde os dados foram expressos em gráficos e porcentagens.

As etnoespécies fotografadas foram identificadas pelo Professor Dr. Romildo Ribeiro Soares do Laboratório de Ictiologia do Departamento de Biologia, da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 ESTRUTURA DEMOGRÁFICA

Os pescadores foram classificados pela faixa etária (Figura 3) e pelo sexo (Figura 4) segundo o IBGE: jovens de 18 a 24 anos, adultos de 25 a 59 anos, e idosos a partir de 60 anos. Nenhum dos entrevistados era jovem, 74,28% são adultos e 25,72% idosos, portanto, os adultos são maioria, resultados similares são apontados por Meireles et al. (2017a) e Nascimento (2019). Provavelmente a ausência de jovens pode ser explicada pela renda da profissão, corroborando com as observações de VASCONCELOS et al., 2003; BORCEM et al., 2011; BASILIO e GARCEZ, 2014; ZACARDI et al., 2014. Muitos adultos entrevistados revelam que trabalham com a pesca para proporcionar um futuro de qualidade para seus filhos, pagam escola e faculdade.

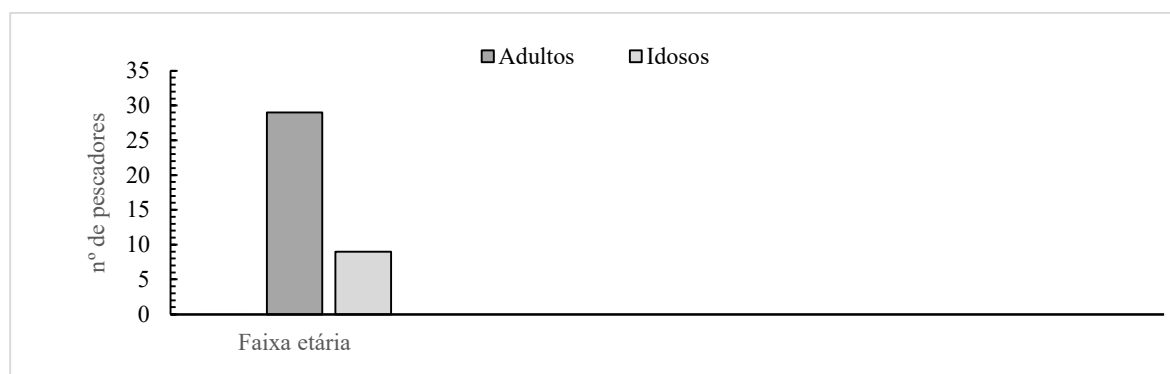


Figura 3: Classificação da comunidade de pescadores quanto à faixa etária, segundo o IBGE.

As mulheres representam cerca de 9,37% e os homens predominam na atividade representando 91,43% dos indivíduos da amostra, esse resultado é similar ao encontrado por Sousa et al. (2012), Santos et al. (2015) e Meireles et al. (2017).

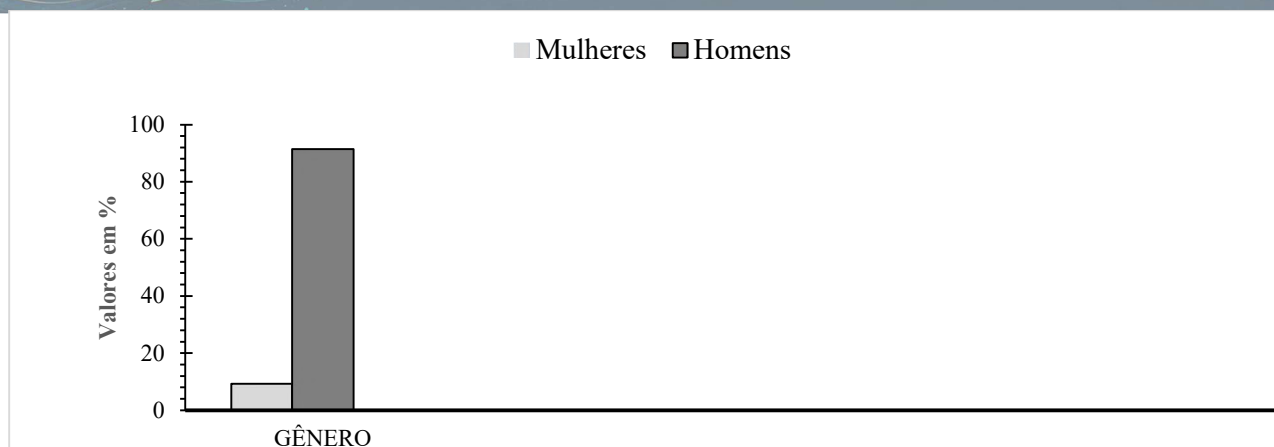


Figura 4: Classificação da comunidade de pescadores quanto ao sexo, segundo o IBGE

Do total de 35 pescadores artesanais, 82,85% são naturais do município de Teresina e 17,15% de outros municípios, como Coivaras, Luzilândia, Piracuruca, Esperantina, e do estado vizinho Maranhão. Atualmente 88,57% moram no bairro Poti Velho, e 11,43% em bairros próximos como Alto Alegre, Nova Brasília, Santa Maria da Codipi, e São Joaquim.

O nível de escolaridade da amostra revela 8,58% não possuem escolaridade, apenas sabem escrever o nome. Indivíduos que estudaram até o Ensino fundamental incompleto representam 45,71%, mesmo valor para os indivíduos que estudaram até o Ensino médio, 45,71%. Segundo Lima, Doria e Freitas (2012), a baixa escolaridade é um dos pontos considerados negativos, pois influencia na escolha de uma profissão.

7.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO

Além de pescadores, 14,28% afirmam, ter uma atividade secundária para complementar a renda familiar, as profissões mais comuns são auxiliares de pedreiro, agente de portaria e artesão. Os aposentados representam 17,14% do total, no entanto continuam exercendo a atividade pesqueira.

A renda dos pescadores artesanais do Poti Velho varia de \$200,00 a \$5.000,00 (Figura 5) tamanha variação se dá pelo desempenho do profissional. Alguns são somente auxiliares, ou seja, pescam para ajudar outras pessoas, representam 17% dos entrevistados. Alguns pescadores trabalham apenas com o fornecimento de peixes, inclusos na maioria de 71%, faturam entre \$1.600,00 e \$1.800,00. Pescadores/vendedores, além de pescar e vender seu próprio pescado nos mercados e bancas ao ar livre, ainda compram espécies de outros pescadores, para diversificar sua banca, e oferecer mais opções aos clientes, essa artimanha resulta em ganhos mais elevados.

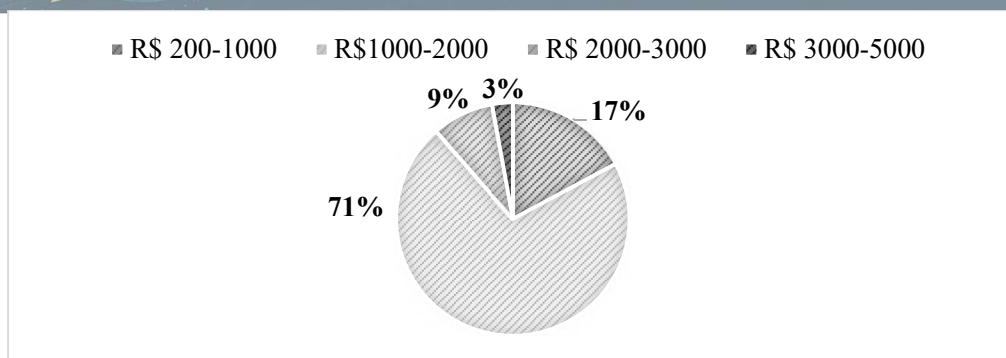


Figura 5: Renda mensal dos pescadores, observe-se que a maioria, 71% recebe entre 1.000 e 2.000 reais por mês.

Acompanhando a rotina dos pescadores, observou-se que cada um trabalha de acordo com sua preferência, há quem opte somente por peixes grandes, outros por peixes pequenos para serem vendidas em grande quantidade à população, como as espécies de branquinha. Apenas um pescador relatou que não trabalha com curimatá, pois de acordo com as crenças populares é uma espécie reimosa e alguns clientes evitam comprar, no entanto ele discorda dessa crença.

Dos pescadores entrevistados, 22 participam de alguma cooperativa/associação. Maior parte, cerca de 77,27% são membros do Sindicato dos Pescadores e Pescadoras Artesanais de Teresina, abrangendo o município de Palmeirais no Estado do Piauí e Parnarama no Estado do Maranhão – SINDIPESCA/THE-PI, que possui cerca de 900 pescadores cadastrados, está localizado na R. João Isidoro França, 5610 - Poti Velho, Teresina - PI, 64008-010. Cerca de 13,63% dos pescadores pertencem a colônia de pescadores Z-8, localizada na R. Firmino Pires, 17 - São Pedro, Teresina - PI, 64018-070. A minoria de 4,55% é membro da Federação de Pescadores do Piauí (FEPEPI) localizado na R. Firmino Pires, 1774 - Vermelha, Teresina - PI, 64000-070. E 4,55% é associado do Centro Social São Pedro. Dos 35 pescadores entrevistados, 11,42% já pertenceu a alguma cooperativa/associação.

7.3. ASPECTOS RESIDENCIAIS

Todas as residências são contempladas com o serviço de coleta pública de lixo, água encanada e energia elétrica. Apenas 5,71% das casas não possuem filtro, os moradores consomem água diretamente da torneira. E todos os domicílios dispõem de fossa séptica. Quanto à estrutura, todas as casas têm paredes de tijolos e cobertura de telha, 17,14% possuem piso de cimento, e 82,85% de cerâmica. Cerca de 77,14% das residências são próprias, 8,57% alugadas, 5,71% dos pescadores moram na casa da mãe, 2,86% moram com amigos, 2,86% com a sogra e 2,86% herdaram.



7.4. RELIGIÃO

Quando questionados sobre sua religião, 60,72% afirmam ser católicos, 18,24% protestantes, e 21,04% declaram não ter definida. Dos religiosos, 45,36% participam com frequência das atividades da igreja, 25,10% as vezes, 29,54% não frequentam a igreja.

7.5. ATIVIDADE PESQUEIRA

Ao serem questionados sobre a satisfação em ser pescador e a importância da pesca, todos afirmaram que são satisfeitos com a atividade pesqueira, pois ela é fonte de renda e de alimento, além disso é uma forma de seguir a tradição familiar. Abaixo a transcrição do depoimento de alguns:

“É só o que eu sei fazer, não estudei, não tinha oportunidade de estudo, nem estrutura familiar, a pesca foi o único jeito que encontrei para sobreviver”. (E26, 72 anos).

“Construí minha vida através da pesca, criei meus 40 filhos, legítimos e adotados” (E6, 76 anos).

Outros mencionam a vantagem de trabalhar por conta própria, fazer seu próprio horário, num ambiente calmo e longe de estresse. E ainda para alguns a pesca é considerada uma atividade de lazer.

“A pesca é cultura, lazer, arte e felicidade” (E19, 51 anos).

Todos os pescadores afirmam conhecer o período da piracema, segundo eles compreende de 15 de novembro a 16 de março. Nesse período é proibido a pesca em grandes quantidades para venda, só é permitida para sua própria alimentação. Os pescadores associados regulamentados, recebem o seguro-defeso correspondente ao valor de 4 salários mínimos, todavia nem todos respeitam essa restrição.

“Tem gente que pesca no período proibido, às vezes o dinheiro demora, não se pode passar necessidade” (E10, 40 anos).

O tempo médio de experiência na atividade pesqueira é de cerca de 30 anos, o que corrobora com os resultados obtidos por Santos (2013), no qual pode-se inferir que, praticamente durante toda a vida, os entrevistados se utilizaram da pesca como principal atividade econômica. Os pescadores afirmam que o primeiro contato deles com a pesca foi na infância e maioria foram ensinados pelos pais e avós. A pesca é uma atividade familiar, e que todo mundo está envolvido de alguma forma, seja indo para o rio pescar, tratando o pescado, ou tecendo redes de captura.

Quando questionados sobre a transmissão do conhecimento etnoictiológico, apenas 25,71% dos pescadores relatam que repassam seu conhecimento aos filhos, sobrinhos, primos e vizinhos.

Maioria dos pescadores apontam maio, junho e julho como os meses que apresentam maior produtividade (Figura 6) resultado similar ao encontrado por Santos, Soares e Barros (2015) no município de União, Piauí, decaindo nos meses seguintes.

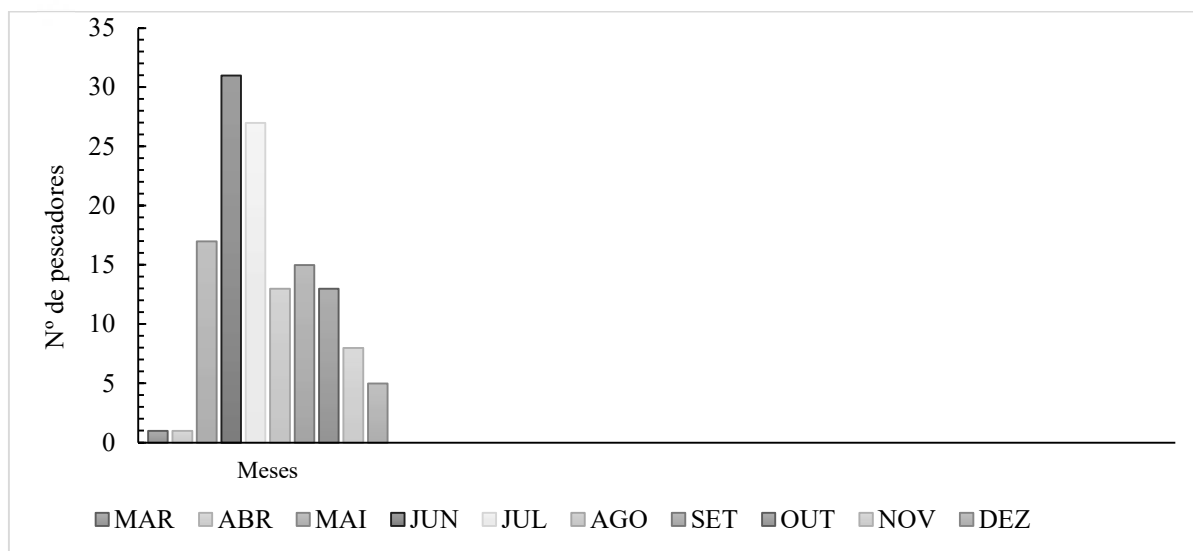


Figura 6: Meses de maior produtividade segundo as informações dos pescadores

Quando questionados sobre a influência da lua, 34,29% reconhecem que a lua interfere na pesca, segundo informações, quando a lua está turva, o céu é mais escuro é melhor para a pesca, mais peixes são capturados. Consoante com os estudos de Pinheiro & Joyeux (2007), Saldanha (2005) e Costa-Neto & Marques (2001) e Amorim (2010), no qual afirmam que a lua cheia os peixes enxergam melhor as redes, sendo mais difícil capturá-los.

Dentre os apetrechos de pesca mais utilizados pelos pescadores artesanais do Poti velho (figura 7), destaca-se o engancho ou rede, todos os 35 entrevistados afirmam que é o melhor para captura em grandes quantidades, e alta seletividade. Santos, Soares e Barros (2015), também citaram o engancho como um dos instrumentos mais utilizados pelos pescadores de União, Piauí. O engancho é uma rede de espera, retangular, que pode chegar a 30 metros de comprimento. A rede é aberta (armada) em locais rasos das margens dos rios ou, quando o intuito é capturar peixes maiores, ela pode ser distribuída transversalmente ao curso do rio. Possui boias de isopor em um dos lados e no outro, pesos de chumbo que permitem sua total abertura e disposição verticalmente quando submersa (AMORIM,2010). O segundo apetrecho mais utilizado é a tarrafa afirmam 18 pescadores. Santos (2013) descreve a tarrafa como uma rede de formato cônico, com pesos de chumbo distribuídos ao longo da borda da rede, usada

principalmente para pegar peixes largos. Ao ser lançada, ele afunda devido aos pesos e é puxada pelos pescadores, arrebatando os peixes na malha. Anzol (5), grozeira(5) e jiqui (1) são menos utilizados por serem métodos passivos e necessitam de iscas.

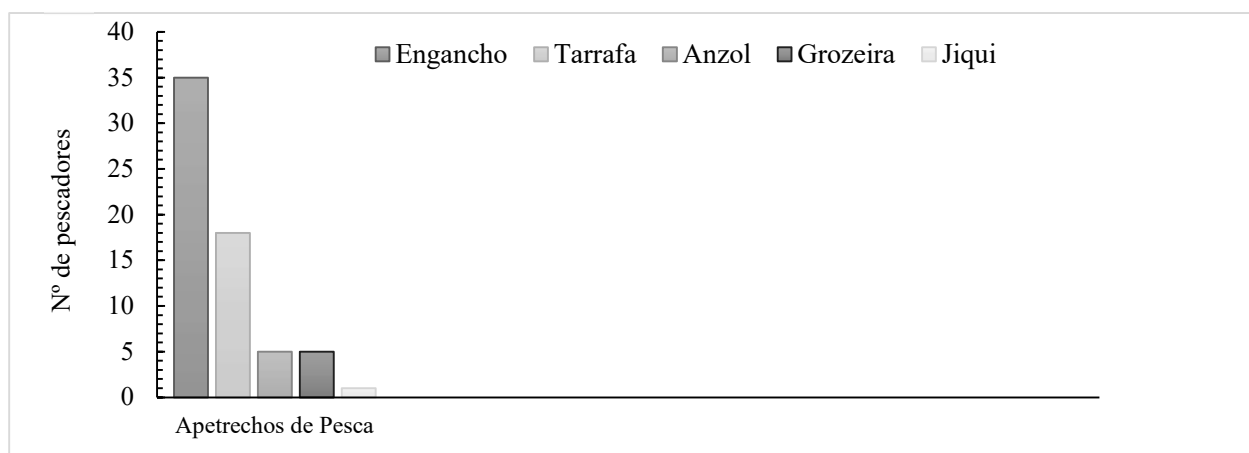


Figura 7: Quantidade de pescadores que utilizam cada apetrecho de pesca.

Quando questionados sobre o melhor horário para pesca (Figura 9), muitos relataram pescar em mais de um turno, os pescadores afirmaram que preferem a tarde e à noite, pelas temperaturas mais amenas, outros consideram o turno da manhã melhor por motivos de segurança

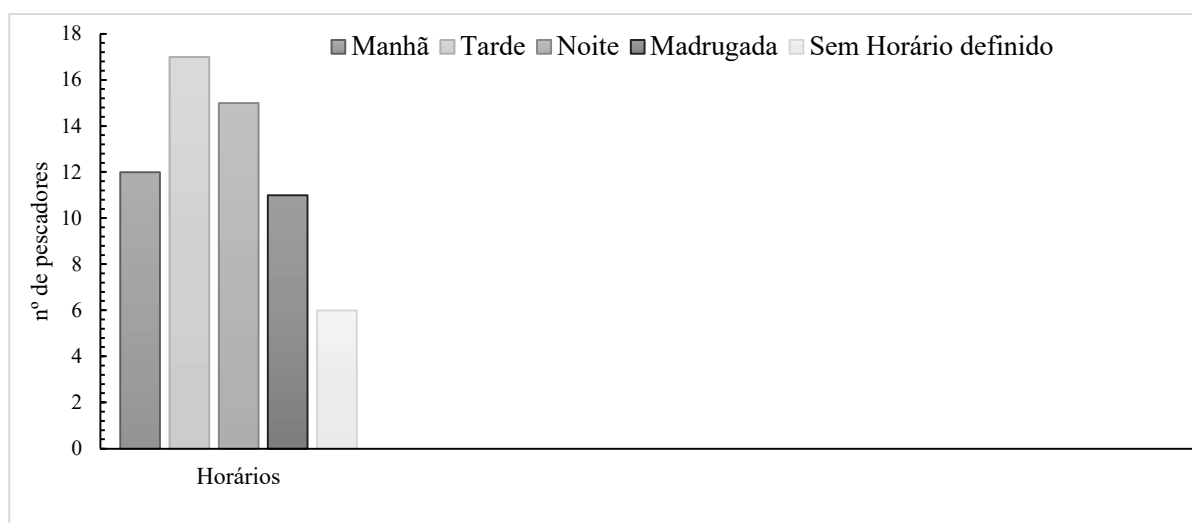


Figura 8: Preferência dos pescadores em relação ao melhor horário para pesca.

7.6. FREQUÊNCIA DAS ESPÉCIES

Relatos sobre a frequência de espécimes, constantes nas pescarias no rio já citado, (Tabela 1)

Tabela 1: Etnoespécies mais frequentes segundo os pescadores artesanais da comunidade Poti Velho.

ETNOESPÉCIES MAIS FREQUENTES

Ordem/ Família	Etnoespécie	Nome científico	Nº de citações
Characiformes Curimatidae	Branquinha-do-oin	<i>Psectrogaster rhomboides</i> Eigenmann and Eigenmann, 1889	35
	Branquinha-do-oião	<i>Curimata macrops</i> Eigenmann and Eigenmann, 1889	
Prochilodontidae	Curimatá	<i>Prochilodus lacustris</i> Steindachner, 1906	34
Anostomidae	Piau de vara	<i>Schizodon dissimilis</i> (Garman, 1890)	12
Serrasalminidae	Piranha	<i>Pygocentrus nattereri</i> Kner, 1858	11
	Pirambéba	<i>Serrasalmus rhombeus</i> (Linnaeus, 1766)	5
Hemiodontidae	Voador	<i>Hemiodus paraguayae</i> Eigenmann and Henn, 1916	3
Siluriformes Pimelodidae	Mandi dourado	<i>Synodontis clarias</i> (Linnaeus, 1758)	10
	Surubim	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i> (Linnaeus, 1766)	7
	Mandubé	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i> (Valenciennes, 1840)	6
Perciformes Scianidae	Corvina	<i>Plasgiocion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)	8

Percebe-se, uma frequência bastante expressiva de *P. rhomboides* e *C. macrops*, detrimento de *P. squamosissimus* e *H. platyrhynchos*, que aparecem com uma frequência bem simplória.

Tabela 2: Etnoespécies menos frequentes segundo os pescadores artesanais da comunidade Poti Velho.

ETNOESPÉCIES MENOS FREQUENTES			
Ordem/ Família	Etnoespécie	Nome científico	Nº de citações
Characiformes Erythrinidae	Traíra	<i>Hoplias aff. Malabaricus</i> - Bloch 1794.	4
Anostomidae	Piau-de-vara	<i>Schizodon dissimilis</i> (Garman, 1890)	12
	Piau-cabeça-gorda	<i>Leporinus piau</i> Fowler, 1914	1
	Piau-de-coco	<i>Leporinus friderici</i> (Bloch, 1794)	1
Serrasalminidae	Piranha	<i>Pygocentrus nattereri</i> Kner, 1858	11
	Pirambéba	<i>Serrasalmus rhombeus</i> (Linnaeus, 1766)	5
	Tambaqui	<i>Colossomama macropomum</i> (Cuvier, 1816)	2
Hemiodontidae	Voador	<i>Hemiodus paraguayae</i> Eigenmann and Henn, 1916	3
Siluriformes Pimelodidae	Surubim	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i> (Linnaeus, 1766),	20
	Piratinga	<i>Branchyplatystoma filamentosum</i> (Lichtenstein, 1819)	12
	Mandubé	<i>Brachyplatystoma vaillantii</i> (Valenciennes, 1840)	8
	Branquinho	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i> (Valenciennes, 1840)	5
	Bico-de-pato	<i>Sorubim lima</i> (Bloch & Schneider, 1801)	2
	Mandi dourado	<i>Synodontis clarias</i> (Linnaeus, 1758)	2

Auchenipteridae	Matrinxã	<i>Ageneiosus inermis</i> (Linnaeus, 1766)	13
	Fidalgo	<i>Ageneiosus</i> sp Valenciennes, 1836	1
Loricariidae	Bodó	<i>Hypostomus plecostomus</i> (Linnaeus, 1758)	2
Perciformes Scianidae	Corvina	<i>Plasgiocion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)	2
Cichlidae	Tucunaré	<i>Cichla monoculus</i> Spix & Agassiz, 1831	6
	Tilápia	<i>Coptodon rendalli</i> (Boulenger, 1897)	2
Clupeiformes Pristigasteridae	Arenga	<i>Pellona flavipinnis</i> (Valenciennes, 1837)	10
Engraulidae	Manjuba	<i>Anchoviella lepidentostole</i> (Fowler, 1911)	6
Beloniformes Belonidae	Bico-de-agulha	<i>Pseudotyloturus microps</i> (Gunther, 1866)	2

As espécies menos frequentes: *P. fasciatum* – Surubim, *A. inermis* – Matrinchan, o *S. dissimilis* – Piau-de-vara e o *B. filamentosum* – Piratinga, que são caracterizadas, por possuir carne bastante apreciadas na culinária local. Os pescadores mais antigos relatam que aproximadamente a 30 anos atrás, o *B. filamentosum* era bem frequente, um pescador conta que na época fotografou um de 60kg.

7.7. ALGUMAS ETNOESPÉCIES DO RIO POTI

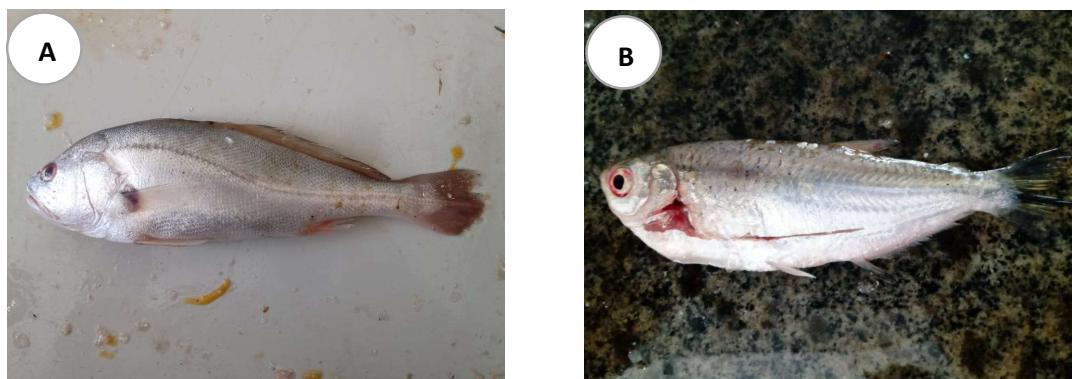


Figura 9: a) *Plasgiocion squamosissimus* – Corvina, b) *Triportheus signatus* - Sardinha

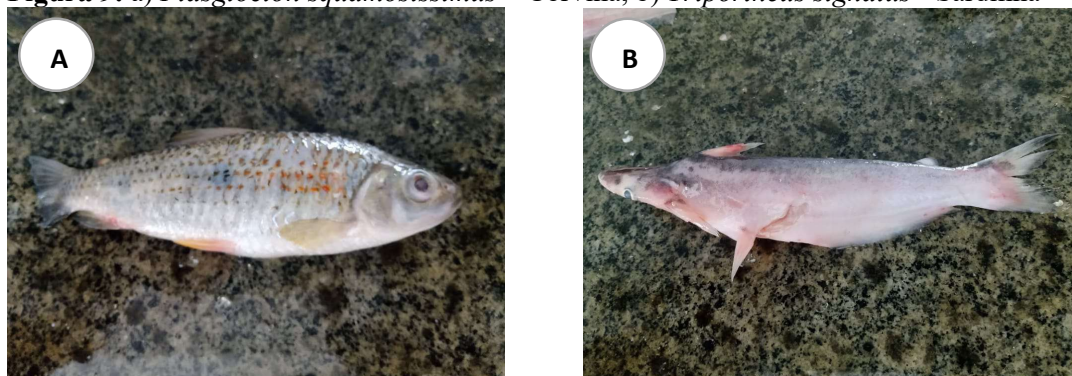


Figura 10: a) *Leporinus friderici* – Piau-de-coco, b) *Ageneiosus inermis* - Matrinchã

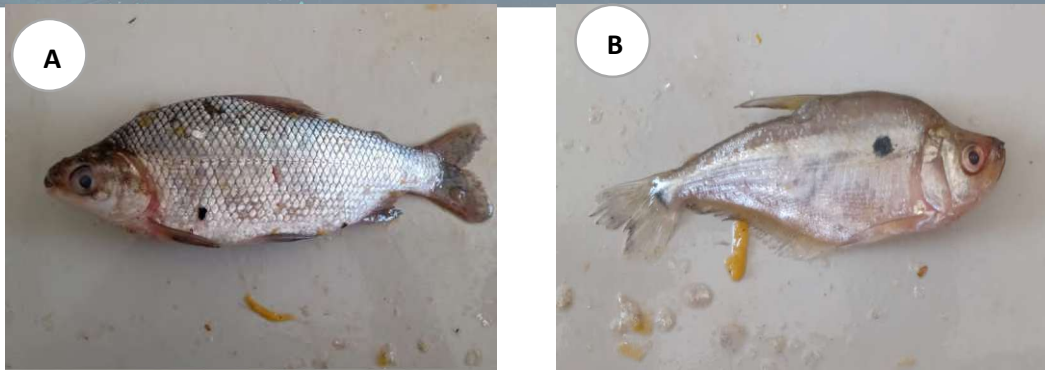


Figura 11: a) *Prochilodus lacustris* – Curimatá, b) *Roeboides sazimai* – Cacunda.

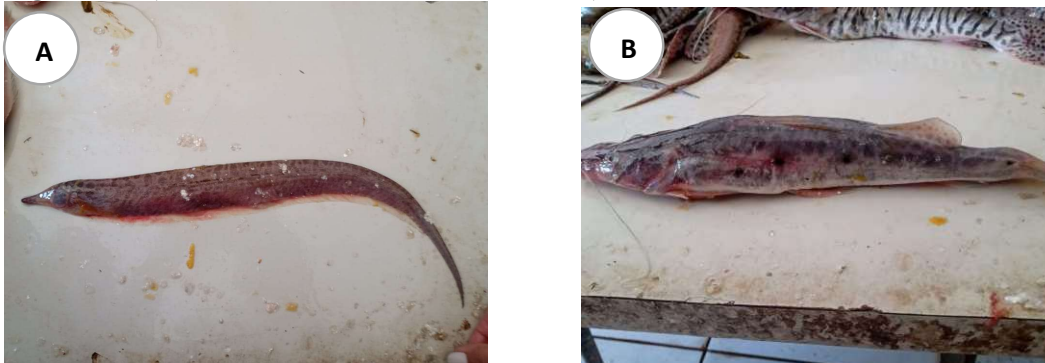


Figura 12: a) *Gymnotus* gr. *Carapo* - Sarapó-do-bico-fino b) *Hemisorubim platyrhynchos*- Mandubé

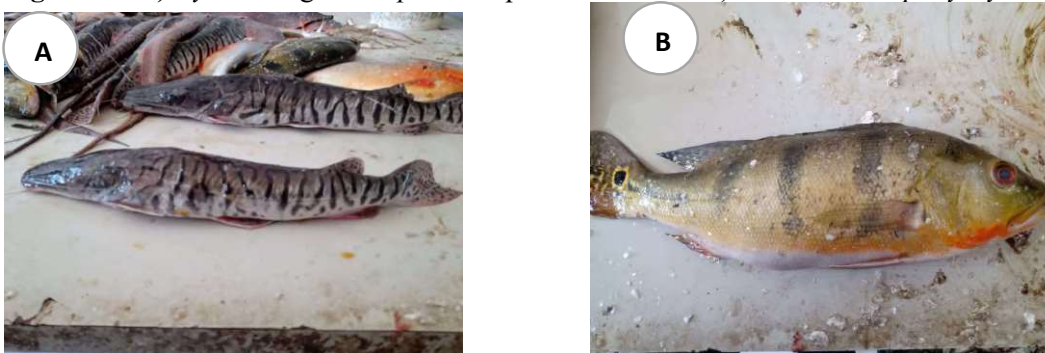


Figura 13: a) *Pseudoplatystoma fasciatum* – Surubim, b) *Cichla monoculus* - Tucunaré

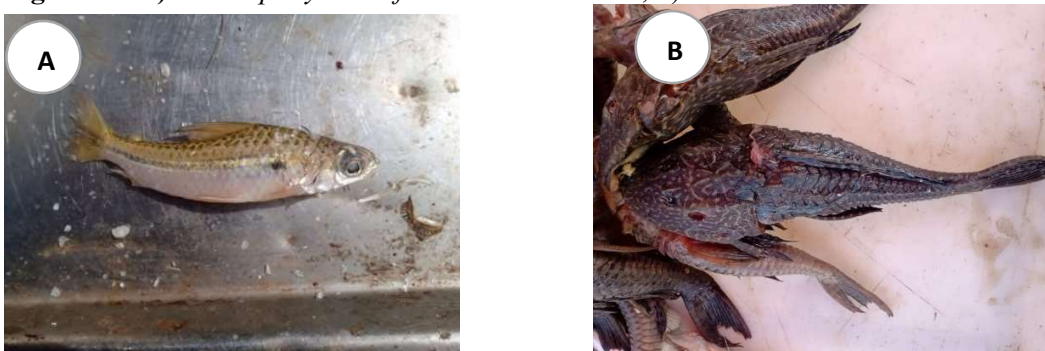


Figura 14: a) *Caenotropus labyrinthicus* – escama-dura b) *Hypostomus plecostomus* - bodó



Figura 15: a) *Hemiodus parnaguae* – Voador b) *Hassar affinis* - Mandi-cabeça-de-cavalo



Figura 16: a) *Pellona flavipinnis* – Arenga b) *Serrasalmus rhombeus* - Pirambeba



Figura 17: a) *Schizodon dissimilis* - Piau-de-vara b) *Gymnotus gr. carapo* - Sarapó



Figura 18: a) *Sorubim lima* – bico-de-pato b) *Coptodon rendalli* - Tilápia

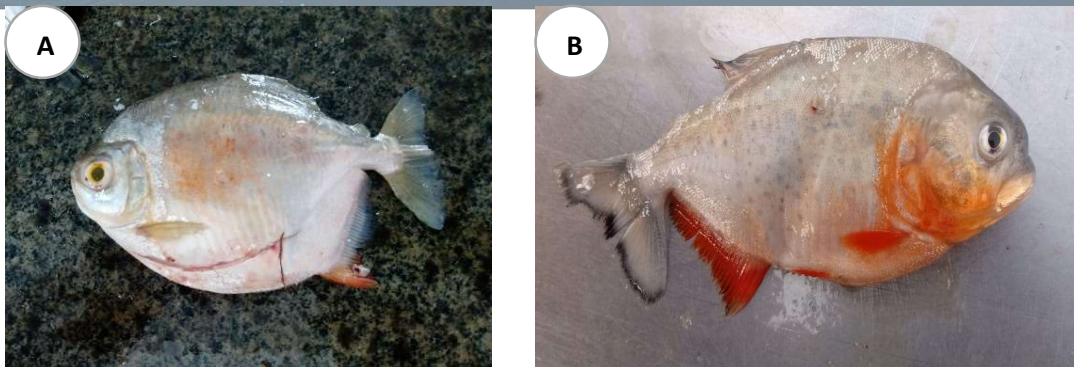


Figura 19: a) *Myleus asterias* –Pacu b) *Pygocentrus nattereri* – Piranha-caju

7.8. DA PESCA À COMERCIALIZAÇÃO

Os pescadores artesanais costumam pescar sozinhos, em duplas, ou em pequenos grupos. É mais comum observar a presença de duplas, pois para uso do engancho e da tarrafa é ideal ajuda de outra pessoa, seja para espalhar o engancho, remar, ou segurar a canoa enquanto o outro joga a tarrafa. Geralmente possuem relação de parentesco entre si, são pais e filhos, tios e sobrinhos, e até mesmo marido e mulher.

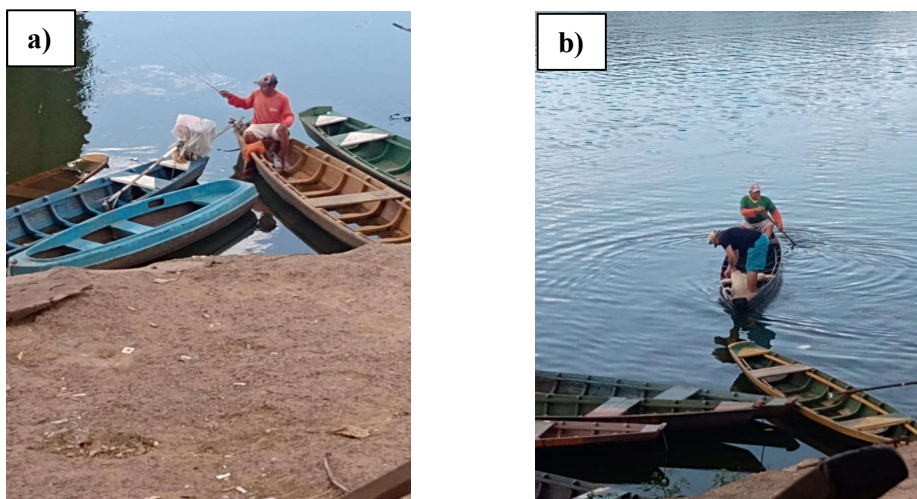


Figura 20: a) Pesca com anzol sem parceiro, b) Pesca com tarrafa, em dupla.



Figura 21: Pescador lançando a tarrafa no rio para a captura dos peixes.

Ao retornarem da pesca, os pescadores ancoram suas canoas (Figura 26b) e começam o processo seleção, lavagem (Figura 25a), trato, e acondicionamento, o processo de conservação em isopores com gelo, é o mesmo relatado por Amorim (2010) e Sédrez et.al (2013).



Figura 22: a) e b) Pescadores realizando a lavagem dos peixes.



Figura 23: a) Armazenamento em isopor para o transporte b) Canoas ancoradas na margem do rio, presas por correntes e cadeados em pontos fixados no chão.

De manhã cedo é possível encontrar vários pescadores em suas banquinhas no Mercado do Peixe do Poti Velho, lá mesmo o peixe fresco é tratado, no caso dos peixes pequenos como a branquinha e o curimatá, os pescadores fazem os chamados cambos. Este é confeccionado com palha do tucum, no qual os peixes são amarrados, formando um cacho, para posteriormente serem vendidos. (AMORIM,2010)



Figura 24: a) pescadoras preparam a palha do tucum para fazer os cambos, b) Pescador tratando os peixes, c) Cambo pronto para ser vendido.



Figura 25: a), b) e c) Peixes à venda no mercado do peixe do bairro Poti Velho.



Figura 26: a) destaca-se esse grande surubim à venda no mercado, b) trato c) montagem de cambos para venda.

7.9. MEIO AMBIENTE E PLANTAS AQUÁTICAS

Os pescadores foram entrevistados sobre a interferência de plantas aquáticas na atividade da pesca, 2,86% acredita que os aguapés - *Eichornia Crassipes* , fazem a limpeza

do rio e 97,14% afirma que os aguapés em excesso prejudicam na captura dos peixes pois engancham as redes, além disso eles cobrem a superfície da água diminuindo a incidência solar.

Durante o período de verão, com a queda no volume de água em rios, lagoas, lagoas e represas, é comum que o material orgânico (lixo e esgoto) se apresente em maiores quantidades. Nesse cenário, a tendência é que a *Eichornia* se prolifere desenfreadamente. Sua reprodução não necessita de sementes, já que novos brotos nascem diretamente do caule de outra planta. Durante o período do verão, chega a produzir até 1,1 kg de massa vegetal nova por metro quadrado por dia (PAPA AGUAPÉ, 2022). Aumento gradativo de água-pé, (figura 27 e 28).

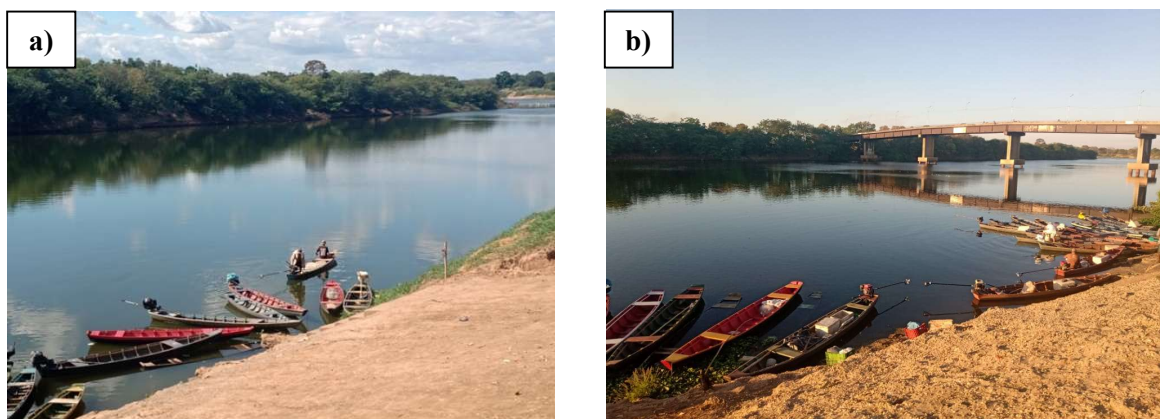


Figura 27: Rio Poti e mata ciliar, **a)** julho **b)** agosto, já é possível observar mesmo que em pequena quantidade, aguapés próximos às canoas.



Figura 28: **a)** e **b)** Rio Poti e mata ciliar em setembro. Os registros mostram claramente o aumento de *Eichornia*, e ainda observa-se a presença de lixo nas margens do rio.

Quanto à preocupação com o meio ambiente 97,14% dos pescadores demonstram preocupação e reconhecem a importância da preservação, pois segundo eles a pesca está diretamente ligada com a limpeza do rio. Alguns mencionaram que participam de ações de limpeza do rio em conjunto com a Prefeitura de Teresina.

8. CONCLUSÃO

O presente trabalho permitiu concluir que a pesca ainda é uma atividade rentável e subsidia a sobrevivência de muitas famílias, seja pela venda ou consumo do pescado. Atualmente é exercida em maior parte por homens adultos, que utilizam os conhecimentos tradicionais de pesca herdados pelos seus pais e avós. Os apetrechos de pesca mais utilizados e eficientes são o engancho e a tarrafa, que capturam maior quantidade de pescado. A pesca em duplas é mais comum, e geralmente há relações de parentesco.

Em suma, verificou-se que os pescadores são satisfeitos com seu trabalho, segundo eles além de proporcionar a independência financeira, o sustento e alimento das famílias, é uma atividade de orgulho e tradição que foi herdada das gerações passadas, contudo observou-se que uma pequena minoria transmite seus conhecimentos, maioria dos pais priorizam a educação de seus filhos, mantendo-os na escola e na faculdade.

Vale ressaltar que, os mais jovens não estão seguindo a profissão dos pais, por achar a atividade pouco rentável, contribuindo para a redução de indivíduos nessa atividade laboral.

9. REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. **Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa versus planejamento e gestão ambiental**. São Paulo: Annablume (FAPESP), 2000.
- AKIMICH, T. The ecological aspect of Lau (Solomon Islands) ethnoichthyology. **Journal of the Polynesian Society**. v.87, n.4. 301-326. 1978.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e Biodiversidade**. Editora NUPEEA\ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. 2005.
- AMORIM, A. N. **Etnobiologia da comunidade de pescadores artesanais urbanos do bairro Poti Velho, Teresina/PI, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, PI. 2010.
- ANDERSON JÚNIOR., E. N. **The ethnoecology of Hong Kong boat people**. Tese de doutoramento. University of Berkeley, Califórnia. 1967.
- ANDREOLI, T. B.; BEGOSSI, A.; CLAUZET, M. Etnoecologia de Lutjanidae (vermelhos) em uma comunidade de pescadores artesanais (Bertioga-SP). **UNISANTA BioScience**. v. 3, n. 1, p. 15 – 20. 2014.
- APOLINÁRIO, F. Introdução à análise quantitativa de dados. In: **Metodologia científica – Filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Thomson Learning. p.145-168. 2006.
- ARAÚJO, T. A. S.; ALMEIDA, A. L. S.; MELO, J. G.; MEDEIROS, M. F. T.; RAMOS, M. A.; SILVA, R. R. V.; ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P.; A new technique for testing distribution of knowledge and to estimate sampling sufficiency in ethnobiology studies. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.8, p. 1-11, 2012.
- ARAÚJO, M. P. **Etnobiologia da comunidade pesqueira Passarinho, Ilha das Canárias, Reserva Extrativista Marinha Delta do Parnaíba/PI**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí. 2013.



- BARBOSA, A. R. **Os humanos e os répteis da mata: uma abordagem etnoecológica de São José da Mata – Paraíba**. Dissertação de mestrado, Pós-graduação em desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB, 2007.
- BASILIO, TH; GARCEZ, DS. 2014. **A pesca artesanal no Estuário do Rio uru, Ceará, Brasil: saber local e implicações para o Manejo**. Actapesca, 2(1): 42-58
- BEGOSSI, A. Ecologia Humana. Um Enfoque das Relações Homem-ambiente. **Revista Interciencia**. v. 18, n. 18, p. 121-132. 1993.
- _____. Fishing activities and strategies at Búzios Island. **Fisheries Resource Utilization and Policy**. p. 125-141. 1996.
- _____. Ecologia humana. In: BEGOSSI, A. (org.), **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. Hucitec/Unicamp/USP/Fapesp, São Paulo, p. 13–36. 2004.
- _____. (Org.) **Ecologia dos pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. NUPAUB/USP. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BEGOSSI, A.; FIGUEIREDO, J. L. Ethnoichthyology of southern coastal fishermen: cases from Búzios island and Sepetiba bay (Brazil). **Bulletin of Marine Science**. v.56, nº2. pág. 710-717. 1995.
- BEGOSSI, A. LOPES, P.F, OLIVEIRA, L.E. C.; NAKANO, H. **Ecologia de pescadores artesanais da Baía de Ilha Grande**. IBIO/Ministério da Justiça. Apoio: Capesca: Preac/CIS-Guanabara/Lepac/CMU [UNICAMP] & IDRC, Canadá. Rio de Janeiro. 2009.
- BEIGUELMAN, B. **Curso prático de bioestatística**. Ribeirão Preto, Fundação de Pesquisas Científicas de Ribeirão Preto. 2002.
- BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102. 2000.
- BORCEM, ER; FURTADO-JÚNIOR, I.; ALMEIDA, IC; PALHETA, MKS; PINTO,IAA. 2011 Atividade pesqueira no município de Marapanim Pará, Brasil. **Revista de Ciências Agrárias**, 54(3): 189-201
- BRANDÃO, F. C.; SILVA, L. M. A. Conhecimento ecológico tradicional dos pescadores da floresta nacional do Amapá. **Revista UAKARI**, v.4, n.2, p.55-66, dez. 2008.
- CARVALHO, A. R. Conhecimento ecológico tradicional no fragmento da planície de inundação do alto rio Paraná: percepção ecológica dos pescadores. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 24, n. 2, p. 573-580. 2002.
- CLÉMENT, D. Ethnobiology in four phases. **Journal of Ethnobiology**. v.27. n.1. pág. 1-10. 1998.
- COSTA-NETO, E. M. **A cultura pesqueira do litoral norte da Bahia: Etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade**. Salvador: Ed EDUFBA; Maceió. p.159. 2001.
- DAMASCENO, L. M. O.; ANDRADE JÚNIOR, A. S.; DIAS, N. S.; FRANCO, J. L. D.; SILVA, Ê. F. F. Qualidade da água do Rio Poty para consumo humano, na região de Teresina, PI. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**. Grupo Verde de Agricultura Alternativa (GVAA). Mossoró, Bahia, Brasil. v.3, n.3, p. 116-130 de abril/junho de 2008.
- DAMASCENO, L. M. O.; ANDRADE JÚNIOR, A. S.; DIAS, N. S.; FRANCO, J. L. D.; SILVA, Ê. F. F. Aspectos qualitativo da água do Rio Poty na região de Teresina, PI. **Revista Ciências Agrônômica**. Fortaleza, Ceará, Brasil. v.41, n.1, pág. 139-148, jan-mar, 2010.
- DIEGUES, A. C (Org.). Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP. 2000a. 211 p
- _____. Etnoconservação da Natureza: Enfoques Alternativos. pág. 1-46. In: Diegues, A.C. (org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. NAPAUB, São Paulo. 2000.
- DUTRA, F. **Conheça a história do Poty Velho, bairro mais velho de Teresina**. Portal R10.

Acesso em 25 de setembro de 2022. Disponível em:



<https://www.portallr10.com/noticia/55629/conheca-a-historia-do-poty-velho-bairro-mais-velho-de-teresina>.

FARIÑA, A.; VELÁSQUEZ, R. L.; ROJAS, M.; PEÑUELA, J.; GONZÁLEZ, NIEVES. Etnobiología marina e aspectos pesqueros em seis comunidades costeras de La Península de Paria, Venezuela. **Interciência**. v. 36. n. 4. 2011.

FEITOSA, M. A. **Pesca artesanal no semiárido Paraibano: Um enfoque etnoictiológico**. João Pessoa, Paraíba. 2011.

FERNANDES-PINTO, ÉRIKA. **Etnoictiologia dos pescadores Barra do Superagui, Guaraqueçaba. PR: Aspectos Enotaxonômicos, etnoecológicos e utilitários**. São Carlos: UFSCar, Dissertação de mestrado, Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2001.

FORMAN, S. Cognition and the catch: the location of fishing spots in a brasilian coastal village. **Ethnology**. p.417-425. 1967.

FREITAS, S. T; PAMPLIN, P. A. Z; LEGAT, J; FOGAÇA, F. H. S; BARROS, R. F. M. Conhecimento tradicional das marisqueiras de Barra Grande, Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba, Piauí, Brasil. **Ambiente e Sociedade**, v. XV, n. 2, p. 91-112, 2012.

_____. **The raft fishermen. Tradition and change in the brazilian peasant economy**. Indiana University Press. 1970.

FONSECA- KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p.177-190, 2004.

GLÁRIA, V. Sujetos colectivos en búsqueda de sustentabilidad pesquera: relatos de los miembros de una comunidad de pescadores artesanales, V región, Chile. **Revista de la Universidad Bolivariana**, v.9 (27), 2010.

GRZEBIELUKA, D. Por uma tipologia das comunidades tradicionais brasileiras. **Revista Geografar**. Curitiba, v. 7, n. 1, p.116-137, jun-2012.

HANAZAKI, N. **Conhecimento e uso de plantas, pesca e dieta em comunidades caiçaras do Município de Ubatuba (SP)**. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 136p. 1997.

HANAZAKI, N.; BEGOSSI, A. Caiçaras, mangroves and estuaries: an ethnoecological approach. HANBURY-TENISON, R., 1991. Povos tribais. In: PORRIT, J. **Salve a terra**. Círculo do livro, São Paulo. p.137-141. 2000.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (2022). Teresina, Piauí, Brasil. Disponível em : . Acesso em 25 de setembro de 2022.

JOHANNES, R. E. Traditional marine conservation methods in Oceania and their demise. **Annual Review of Ecological Systematic**. v.9. p. 349-364. 1978.

_____. Working with fishermen to improve coastal tropical fisheries and resources management. **Bulletin of Marine Science**, v.31, n 3. p. 673-680. 1981.

KIDO- CRUZ, MT. Análisis comparativo de La calidad de vivienda de los pescadores ribereños según el tipo de pesca em el sur del pacífico mexicano. **Trópico Húmedo**, 24(2). p. 163-173. 2008.

LIMA, E.F. **Levantamento da fauna nos manguezais do Estado do Piauí**. CEPRO (Relatório anual). 1986.

_____. **Avaliação da impactação sedimentológica sobre a diversidade da ictiofauna na Baía do Macapá, Luís Correia (PI), Brasil**. Tese de doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos. 1998.

LIMA, B. B.; VELASCO, G. Estudo piloto sobre o autoconsumo de pescado entre pescadores artesanais do estuário da Lagoa dos Patos, RS, Brasil. **Bol. Inst. Pesca**, São Paulo. 2012.

LIMA, M.A.L.; DORIA, C.R.C.; FREITAS, C.E.C. Pescarias artesanais em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenário da atividade. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 73-90. 2012



- MARANHÃO, T. P. **Náutica e classificação ictiológica em Icaraiá, Ceará: um estudo em Antropologia Cognitiva**. Dissertação de Mestrado. UNB, Brasília. 1975.
- MARQUES, J. G. W. **Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mandaú-Manguaba**. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, pág. 291. 1991.
- _____. **Pescando Pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco Alagoano**. NUPAUB/USP, São Paulo. 1995.
- _____. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. São Paulo, NUPAUB, pág. 258. 2001.
- MEIRELES, V. J. S. **Etnobotânica e Etnozoologia da comunidade pesqueira Canárias, Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba, Nordeste, Brasil**. 2012. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Brasil. 2012.
- MEIRELES, M. P. A.; MEIRELES, V. J. S.; SANTOS, L. V.; BARROS, R. F. M. Perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da comunidade Passarinho, Resex Marinha do Delta do Parnaíba, Araisos/MA. **Espacios (Caracas)**, v. 38, p. 16, 2017^a
- MEIRELES, M. P. A.; MEIRELES, V. J. S.; BARROS, R. F. M. Características da pesca artesanal realizada na comunidade Passarinho/Ilha das Canárias/MA. **Gaia Scientia**, v. 11, p. 10, 2017^b
- MELO, F. A. G. Espécies comerciais de peixes do Delta do Parnaíba. p.142. In: GUZZI, A. **Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense**. Parnaíba: EDUFI, pág. 466. il. 2012.
- MÉNDEZ, M. R.; RAMÍREZ, A. C. Analisis sobre la teoria y praxis de la etnobiología en México. In: DÁVILA, M. A. V (Editor). **La etnobiología Mexico: reflexiones y experiencias**. Oaxaca, México: Carteles Edotores, pág. 35-52. 1999.
- MORRIL, W. T. **Ethnoichthyology of the Cha-cha**. Ethnology v.6, p. 405-417. 1967.
- MUSSOLINI, G. **Ensaios de antropologia indígena e caçara**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1980.
- NASCIMENTO, G. C. C. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. Fernando Abath Cananéa (Org.). **Sentidos de Leitura: Sociedade e Educação**. João Pessoa, PB: IMPRELL, pág. 152, 2013.
- NASCIMENTO, M. G. P. **Etnobotânica e Etnozoologia em comunidades pesqueiras de Parnaíba e Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Brasil. 2014.
- NASCIMENTO, M. G. P. Etnobotânica em uma comunidade de pescadores artesanais na área de proteção ambiental (APA), delta do parnaíba, Piauí, Brasil. **Educação Ambiental em Ação**. 2019. ISSN 1678-0701 · Volume XXI, Número 80 ·
- OVERAL, W. L.; POSEY, D. A. Uso de formigas *Azteca* ssp. Para controle de pragas entre os índios Kayapó do Brasil Central. v.2, p. 219-226. In: POSEY, D. A.; OVERAL, W. L. (eds.). **Ethnobiology: implications and aplications – Proceedings of the first International Congresso f Ethnobiology**. Museu Paraense Emílio Goeld, Belém. 1990.
- PAPA AGUAPÉ. O que é aguapé?. 2022. Acesso em 27 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.papaaguape.com.br/o-que-e-aguape>.
- PAZ, V. A.; BEGOSSI, A. Ethnoichthyology of Gamboa Fishermen of Sepetiba Bay, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v.16, n. 2, p. 157-168. ., 1996.
- PINHEIRO, H.T. e JOYEUX, J.-C. **Pescarias multi-específicas na região da foz do rio doce, ES, Brasil: Características, problemas e opções para um futuro sustentável**. Braz. J. Aquat. Sci. Technol., vol.11, nº2, pp.15-23, 2007.
- POSEY, D. A. Kauapó controla inseto com uso adequado do ambiente. **Atualidade Indígena**. v.3, p. 47-58. 1979.



- _____. Indigenous knowledge and development: an ideological bridge to the future. **Ciência e Cultura** v.35, n.7, p. 877-894. 1982.
- _____. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (ed.) **Suma Etnológica Brasileira**. Etnobiologia. Petrópolis:Vozes/Fi-nep, 1987.
- _____. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (ed.). **Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. 3a. Edição, Vol. 1, Petrópolis: Vozes/FINEP, p. 1-15. 1997.
- RIBEIRO, B. G. **Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo**. Companhia das Letras, São Paulo, pág. 270. 1995.
- ROSSATO, S. C.; LEITÃO FILHO, H.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of Caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany**. v.53, p. 387-395. 1999.
- SALDANHA, I.R.R. **Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (Anchoiella lepidentostole) em Iguape/SP**. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental)–Universidade de São Paulo, 2005.
- SANTOS, K. P. P. **Etnobotânica e Etnozoologia dos pescadores artesanais do município de União/PI, Brasil**. Teresina, Piauí. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Piauí. 2013.
- SANTOS, K. P. P. **Etnozoologia e Etnoecologia na Comunidade de Pescadores Artesanais de Miguel Alves, PI/Brasil**. 2017. 199 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí. 2017.
- SANTOS, C. C., MELO, F. A.; ROCHA, F. M. D. Etnoictiologia praticada pelos Pescadores do Delta do Parnaíba. p. 359. In: GUZZI, A. **Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense**. Parnaíba: EDUFI, pág. 466. il. 2012.
- SANTOS, K. P. P.; SOARES, R. R.; BARROS, R. F. M. Atividade pesqueira e construção de embarcações na colônia de pescadores Z-18 do município de União/ PI. **HOLOS**, Ano 31, v. 6. 2015
- SANTOS, K. P. P.; VIEIRA, I. R.; ALENCAR, N. L.; SOARES, R. R.; BARROS, R. F. M. Percepção ambiental sobre a degradação dos recursos hídricos na comunidade de pescadores artesanais de Miguel Alves/Brasil. **Educação Ambiental em Ação**, v. 59, p. 01-12, 2017.
- SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E.M. A interação entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozoologia. **Biotemas**. v. 20, n. 4, p. 99-110, 2007.
- SILVA, G. O. **Tudo que tem na terra tem no mar: a classificação dos seres vivos entre os trabalhadores da pesca em Piratininga, Rio de Janeiro**. FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, Rio de Janeiro. 1988.
- SEDREZ, M. C.; SANTOS, C. F.; MARENZI, R. C.; SEDREZ, S. T.; BARBIERI, E; BRANCO, J.O. Caracterização socioeconômica da pesca artesanal do camarão sete-barbas em Porto Belo, SC. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 39, n. 3, p. 311-322, 2013
- SILVA, V.G. **O Antropólogo e sua magia**. São Paulo: Ed. Edusp, pág. 200, 2000.
- SILVA, T. R.; COSTA NETO, E. M.; ROCHA; S. S. Etnobiologia do caranguejo de água doce *Trichodactylus fluviatilis* Latreille, 1828 no povoado de Pedra Branca, Santa Teresinha, Bahia. **Revista Gaia Scientia**. v. 8. n. 1, 2014.
- SILVANO, R. A. M. Pesca Artesanal e Etnoictiologia. In: BEGOSSI, A. (Org.). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: UNICAMP; NUPAUB/USP, 2004.
- SOBRAL, A.; ALBUQUERQUE, U. P. História da etnobiologia. In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.) **Introdução à Etnobiologia**. Recife, Pernambuco. 1ª ed. NUPPEA, 2014.
- SOUSA, R. S. **Etnobotânica e etnozoologia de comunidades pesqueiras da área de proteção ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, nordeste do Brasil**. 2010. 175p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio ambiente) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí. 2010



- SOUSA, R. S.; AMORIM, A. N.; BARROS, R. F. M. Instrumentos de pesca produzidos a partir de espécies vegetais por pescadores artesanais do litoral e da capital Piauiense. In: ROCHA, J. R. S.; BARROS, R. F. M.; ARAUJO, J. L. L. (Org.). **Sociobiodiversidade no meio norte brasileiro**. 1ªed. Teresina: Editora da UFPI, v.1, p. 105-126, 2012
- TERESINA, 2022. Acesso em 25 de setembro de 2022. Disponível em: <https://pmt.pi.gov.br/teresina/>.
- TROTTER, R; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. pág. 91-112. In: Etkin NL (ed.) **Indigenous medicine and diet: biobehavioural approaches**. New York: Redgrave Bedford Hills. 1986.
- VASCONCELOS, EMS; OLIVEIRA, JEL; MATOS, J.; JÚNIOR, W.; TAVARES, MM. 2003. Perfil socioeconômico dos produtores da pesca artesanal marítima do estado do Rio Grande do Norte. Boletim Técnico.
- ZACARDI, DM; PONTE, SCS; SILVA, AJS. 2014. Caracterização da pesca e perfil dos pescadores artesanais de uma comunidade às margens do rio Tapajós, Pará. Amazônia, **Ciência e Desenvolvimento**, 10(19): 129-148.

